

**VIKINGS X NEONAZISTAS: CRÍTICA E CONTESTAÇÃO DO
RECRIACIONISMO HISTÓRICO E DA HISTÓRIA VIVA VIKINGS NO
BRASIL, ACERCA DO NEONAZISMO CONTEMPORÂNEO**

**VIKINGS VS NEO-NAZIS: THE CRITICISM AND CONTEST OF
BRAZILIAN HISTORICAL REENACTMENT AND VIKINGS LIVING
HISTORY, ABOUT CONTEMPORARY NEONAZISM**

João Batista da Silva Porto Junior¹

Resumo: O neonazismo não é uma novidade no Brasil, desde fins do século passado supremacistas já ostentavam orgulhosos camisas, colares e bandeiras com os símbolos da sua ideologia do ódio. Contudo, atualmente, o movimento alcança uma ascensão vertiginosa e muito perigosa. Outro movimento que também cresce rapidamente no país como fruto – principalmente – da ampla influência midiática, são as chamadas recriações históricas e a história viva associada a cultura viking. Apesar de aparentemente esses temas não possuírem relações diretas, historicamente, o nazismo se apropriou de muitos elementos e símbolos dos antigos nórdicos e até hoje supremacistas os utilizam como referência. A “cultura viking” foi amalgamada a ideologia nazista devido as muitas fabulações produzidas pelo terceiro reich. Esse artigo busca esclarecer essas míticas aproximações entre o nazismo e a cultura viking, além de investigar as opiniões dos grupos nacionais de recriação histórica e história viva sobre essas associações. Por fim, tenta alertar para os riscos de se recriar inadvertidamente nos trópicos, práticas de uma cultura Escandinávia medieval.

Palavras-chave: Viking, Neonazismo, Recriação Histórica e História Viva.

Abstract: Neo-Nazism is nothing new in Brazil, since the end of the last century, supremacists proudly displayed shirts, necklaces and flags with the symbols of their ideology of hatred. However, currently, the movement has reached a dizzying and very dangerous growth. Another movement that is also growing fast in the country as a result – mainly – of the wide media influence, are the so-called historical reenactment and the living history associated with Viking culture. Although apparently these topics are not direct related, historically, Nazism

¹Mestre e Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU) da Universidade Federal Fluminense (UFF), com estágio de Doutorado Sanduíche no Centro de História da Universidade de Lisboa (CH-ULisboa). Especialista em História Antiga e Medieval pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Arquiteto e Urbanista, graduado também em Composição Paisagística pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (EBA-UFRJ). Pesquisador do Linhas – Núcleo de Estudos sobre Narrativas e Medievalismos da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e do Laboratório da Paisagem e do Lugar (LAPALU-UFF). jporto@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8857-9835>

appropriated many elements and symbols of the Old Norse and until today supremacists use them as a reference. The “Viking culture” was merged to Nazi ideology due to the many fables produced by the third reich. This article seeks to clarify these mythical relationship between Nazism and Viking culture, in addition to investigating the opinions of national groups of historical reenactment and living history about these associations. Finally, it tries to alert to the risks of recreating inadvertently practices of a medieval Scandinavian culture in the tropics.

Keywords: Viking, Neonazism, Historical Reenactment and Living History.

Introdução

No dia sete de fevereiro de 2022, em programa multimídia na Internet intitulado *Flow Podcast*, o apresentador e *influencer* Bruno Aiub, vulgarmente conhecido como Monark defendeu a criação de um partido nazista brasileiro reconhecido legalmente. O absurdo criminoso ainda foi endossado pelo Deputado Federal Kim Kataguiri, um dos cofundadores e coordenadores do Movimento Brasil Livre (MBL), atualmente filiado na legenda do União Brasil (UNIÃO), que também participava do programa e em defesa da liberdade de expressão chegou a condenar a criminalização do nazismo na Alemanha. Não bastasse isso, logo em seguida, o Jornalista e apresentador Adrilles Jorge, ferrenho defensor dos ideais políticos da extrema-direita brasileira, após exaltada discussão sobre o caso anterior, finalizou sua participação no programa da emissora Jovem Pan, com uma suposta saudação nazista, muito similar ao “*Sieg Heil*”.

Foram inúmeras as repercussões desses episódios que tomaram de assalto as redes sociais. O referido programa chegou a ser retirado da internet, mas os estragos foram irreversíveis, os envolvidos pressionados a se “desculpar” publicamente, divulgaram justificativas insensatas que não foram bem recebidas, culminando com o desligamento e o “cancelamento” dos apresentadores. Anteriormente, em outro famoso incidente, o dramaturgo Roberto Alvim, ex-secretário especial da Cultura fora exonerado após copiar o discurso do ministro da propaganda nazista, Joseph Goebbels (1897-1945). No entanto, nenhum desses foram eventos isolados, os movimentos neonazistas já existem há muito tempo no Brasil, na década de oitenta do século passado, gangues de *skinheads* aterrorizavam grandes capitais como São Paulo e segundo matéria divulgada no programa Fantástico em 16 de janeiro de 2022, desde o início do governo do presidente Jair Bolsonaro, grupos neonazistas cresceram mais de duzentos e setenta por cento, com massiva presença em redes sociais.

Redundante destacar o quão difícil e fatigante essa tentativa de analisar em pleno século XXI, a ascensão de uma ultrapassada e fraudulenta ideologia eugenista em um país, cuja a genealogia da sua população está intrinsecamente associada a mestiçagem. Porém, o neonazismo contemporâneo não possui qualquer vestígio de racionalidade ou coerência, pelo contrário, se apoia no negacionismo da história para conseguir se justificar. Tentam invalidar a veracidade do Holocausto, distorcem o número de mortos, a perseguição e o massacre dos judeus, retomam o ultrapassado conceito das raças, buscam reinterpretar ou justificar os argumentos de Adolf Hitler e seus seguidores. Enfim, pretendem uma revisão ideológica da história, a partir das ideias nazistas.

O negacionismo, numa perspectiva estritamente historiográfica, não é uma interpretação alternativa, nem reacionária, nem mesmo nazistófila, do hitlerismo. Ele é uma construção ideológica de aparência histórica e, nessa condição, não suscita problemas ao nível da compreensão do Holocausto e das suas consequências. O desafio que os negacionistas nos apresentam é de outra natureza: na medida em que constroem uma versão fictícia da História e que essa versão produz efeitos políticos, os negacionistas obrigam-nos não somente a refutá-los, mas fazermos uma reflexão sobre a relevância do papel da História e da memória para a educação humanista (MILMAN, 2000, p.123).

Pierre Vidal-Naquet (1930-2006), no clássico *Os Assassinos da memória: O Revisionismo da História* (1988) e o historiador francês Henry Rousso (2004), criador do termo “negacionismo”² – apenas para citar os pioneiros –, já alertaram para os perigos de falsificar não apenas a história, mas os preceitos científicos de modo geral. O negacionismo inventa um pseudopassado, a partir de pseudociências embasadas em pseudoteorias, muitas vezes conspiracionistas. Essa prática não possui a finalidade de reavaliar criticamente ou passar a limpo os eventos históricos ou descobertas científicas pretéritas, mas, simplesmente, negá-los a partir de determinados valores, crenças e interesses político-ideológicos.

O revisionismo histórico ou negacionismo também encontra um território muito fértil para se alastrar nos países com graves crises no seu sistema educacional, sobre isso o antropólogo, historiador, sociólogo, escritor e político brasileiro Darcy Ribeiro (1922–1997) já afirmava: “a crise da educação no Brasil não é uma crise; é um projeto”. Diante do vácuo

² *négationnisme*.

educacional do país, fica fácil compreender porque o neonazismo e o negacionismo tornaram-se tão próximos, andando de mãos dadas e a passos largos por todo território nacional.

Outro movimento também muito deslocado da realidade sociocultural brasileira, mas que cresce rapidamente de norte a sul e de leste a oeste, são as chamadas recriações históricas e os eventos de história viva associados a “cultura viking”. Tanto a recriação histórica quanto a história viva são reconhecidas como práticas educativas lúdicas, com objetivo de recriar peças/elementos artísticos e vivenciar aspectos socioculturais da chamada “Era Viking”. Tentando representar esse recorte temporal com a maior fidelidade possível e ajudando a formular um conceito mais dinâmico de pesquisa histórica, ao invés de apenas apresentar fragmentos de uma época. Extremamente comuns na Europa e parte dos Estados Unidos da América, essas práticas e/ou atividades começaram a se popularizar no Brasil a partir do início do Século XXI, graças a um conjunto de fatores pós-modernos por excelência, tais como: o desenvolvimento da internet, amplificação dos meios de comunicação de massa e a facilidade de deslocamento. Em relação ao último, cabe ainda acrescentar, tanto de pessoas quanto de objetos, possíveis de serem despachados, com muito mais facilidade e presteza, para qualquer local do mundo.

O recriacionismo histórico e a história viva como práticas didático-pedagógica, também conseguem concentrar diversos tipos de experiências e/ou simulações de representações históricas, como uma forma empírica de ensino-aprendizado. Colabaram com a transmissão e popularização do conhecimento e também podem servir como ferramentas de pesquisa para testar novas teorias e explorar a cultura material da Escandinávia medieval. Apesar de serem fenômenos populares de difícil definição, pois abarcam uma grande quantidade e variedade de atividades, são fartas e profícuas as possibilidades de contribuições no campo educacional.

Neste momento, um leitor desprevenido pode até questionar: mas quais são as possíveis relações entre o recriacionismo histórico e a história viva viking com os movimentos neonazistas no Brasil? Não existe uma resposta rápida e direta para essa pergunta, pois apesar de alguns grupos de recriações históricas e história viva descartarem qualquer afinidade, o nazismo sempre cultivou uma atração e hipervalorização da cultura dos antigos nórdicos. A imagem dos vikings foi exaustivamente utilizada pela propaganda nazista, a própria suástica – *swastika* – era uma das simbologias ancestrais também utilizadas pelos escandinavos. O

falacioso – porém ainda hoje muito explorado – estereótipo dos guerreiros loiros, altos, alvos, fortes, viris e de olhos azuis, serviram e continuam servindo perfeitamente aos ideais de uma suposta e pretenciosa raça pura superior – que nunca existiu –. Frequentemente supremacistas em todo o mundo exibem orgulhosos tatuagens de símbolos ou runas vikings, quando não, utilizam colares e pingentes com *mjölnir* e *valknut*.

Essa equivocada relação entre cultura viking e o nazismo, perpassa por uma série de equívocos que tentaram corromper a história ao longo dos séculos, desde as buscas românticas pelas identidades das nações europeias e os movimentos nacionalistas do século XIX, até a ascensão de Adolf Hitler ao poder em 30 de janeiro de 1933. Atualmente, confundir recriacionismo histórico e história viva viking com práticas neonazistas não seria nenhum contrassenso ou desvario, porque na Europa – principalmente em países do Leste Europeu – e nos Estados Unidos da América, alguns grupos se apropriam dessas práticas socioculturais e didático-pedagógicas para dissimular, insuflar, ou ainda pior, justificar o seu discurso de ódio. Não bastasse isso, grupos associados ao neopaganismo nórdico também estão pervadidos de supremacistas. No Brasil, a antropóloga Adriana Abreu Magalhães Dias (2007), denuncia que o maior site neonazista brasileiro, se intitulava “Valhalla, tinha sua sede em Santa Catarina e alcançou a significativa marca de 200.000 visitas diárias antes de ser retirado do ar, em agosto de 2007” (DIAS, 2007, p.35). A escolha desse nome não foi aleatória e pode ser considerada como uma grave evidência do equivocado liame entre as heranças do ultranacionalismo germânico e os antigos escandinavos. Pois, cabe lembrar que Valhalla – *Valhöll* – era o termo utilizado pelos vikings para designar a moradia de Odin em Asgard e onde eram recebidos os grandes guerreiros mortos em batalha.

O caso do grupo Valhalla também foi investigado pelo historiador Guilherme Ignácio de Andrade, no artigo *O Nacional-Socialismo do Grupo Valhalla 88: A Construção de um Movimento Nazista no Brasil* (2014). O autor reitera a associação do título do site com o mito nórdico antigo e segundo ele: “Os neonazistas no Brasil podem ser grupos pequenos, mas embora sem muita expressão ou programa político concreto, para tomada de poder no país, eles estão se estruturando a cada dia e estão mais organizados atualmente” (ANDRADE. 2014, p.20). O constante crescimento desses grupos os torna extremamente perigosos e as persistentes

apropriações propagandísticas dos antigos Vikings, ajuda a aumentar ainda mais a sua popularidade.

Destarte, as associações existem e ciente dos perigos destes usos políticos e ideológicos do passado, o presente artigo serve para comprovar como historicamente isso ocorreu e também como manifesto, ou melhor, uma nota de alerta para os novos grupos recém formados por todo o país. Afinal, esses muitas vezes, se mostram mais preocupados com os detalhes das bordaduras dos seus trajes, joalherias e tipologias das suas espadas, do que em analisar os usos políticos e ideológicos do passado que tentam recriar. Existe um perigo muito grande em se tentar “recriar” a história sem consciência crítica e diligência das possíveis implicações.

Os estudiosos dos movimentos de recriacionismo histórico e da história viva, como Iain McCalman & Paul A. Pickering (2010) alertam para os problemas do excesso de afetividade e engajamento sentimental dos praticantes, porque essa forte conexão emocional com a história representada, pode produzir interpretações tendenciosas e equivocadas. Segundo Vanessa Agnew, Jonathan Lamb & Daniel Spoth (2009), a partir do momento que praticantes de recriacionismo histórico e da história viva são consumidos por essa paixão pelo passado, qualquer possibilidade de alteridade ou relação crítica com a história é completamente anulada. No mesmo sentido, Rebecca Schneider (2011) apresenta uma importante análise do recriacionismo histórico como arte performática, quase sempre impregnada de relações afetivas e algumas vezes praticada por entusiastas ingênuos. Contudo, não se pode ter ingenuidade no trato com uma história que se pretende “recriar”.

Metodologicamente, essas análises do uso do passado medieval – nesse caso escandinavo – no Brasil, utilizam como base o conceito de neomedievalismo oferecido pelos historiadores Nadia R. Altschul & Lukas Gabriel Grzybowski (2020), a partir dos estudos pós-coloniais, porque segundo eles:

Uma área em que os praticantes brasileiros estão se posicionando para mudar é a “controvérsia” entre o medievalismo e o neomedievalismo. O que hoje é conhecido como medievalismo no Atlântico Norte poderia facilmente ter sido conhecido como estudos do neomedievalismo. Para os estudiosos brasileiros, a questão do neomedievalismo ressurgiu porque “neo” é a terminologia mais óbvia e direta. Se essa terminologia tivesse sido incorporada nos centros hegemônicos, aqueles que estudam a Idade Média histórica fariam o chamado medievalismo – sentido que continua a ser corrente na América Latina –

enquanto aqueles que estudam as reapropriações posteriores fariam o neomedievalismo (ALTSCHUL & GRZYBOWSKI, 2020, p. 28).

A despeito de existirem outras definições e abrangências, os autores justificam o uso do conceito neomedievalismo para o caso brasileiro, devido as suas singularidades e apropriações a-históricas, considerando como “o termo mais preciso e adequado para examinar as invenções e os reaproveitamentos de elementos daquilo que em nossos próprios espaços e trajetórias têm sido associado ao ‘medieval’” (ALTSCHUL & GRZYBOWSKI, 2020, p. 28).

Para produção desta pesquisa, além destes conceitos historiográficos, também foram utilizadas técnicas de pesquisa antropológicas, como “Observação Participante” e, principalmente, a “Participação Observante”, desenvolvida pelo antropólogo francês Loïc Wacquant (2002), com a orientação de Pierre Bourdieu. Também foram empregadas como metodologia algumas entrevistas formais, informais – não estruturadas – e conversacionais – entrevistas narrativas, abordando e dando voz aos pioneiros do recriacionismo histórico e da história viva viking do Brasil. Contudo, cabe ressaltar que esse artigo não pretende analisar a gênese da ideologia política do nazismo, sua repercussão mundo afora e o desenvolvimento dessa ideologia do ódio no Brasil, apenas elencar algumas questões acerca da problemática associação entre cultura viking e supremacistas.

As deturpadas relações entre a ideologia nazista e os Vikings ou por que os Escandinavos medievais ainda seduzem os neonazistas contemporâneos?

Essa é uma questão muito difícil de ser resumida e sempre passível de gerar contrariedade. Não obstante, alguns indicadores podem ser laconicamente elencados para lançar luz a gênese dessa relação. Primeiramente, ainda em fins do século XVIII, muitas nações europeias necessitavam construir novas histórias e narrativas das suas origens, que ajudassem a explicar a emergente pseudociência das raças e sustentassem as reivindicações imperialistas de superioridade sobre os povos que buscavam dominar.

Deste modo, os românticos dos séculos XVIII e XIX começaram a estudar a Idade Média, em grande parte, para perscrutar as origens das nações europeias, na tentativa de alicerçar o período medieval como formador das suas identidades nacionais. A Idade Média passa a ser reinventada e ressignificada com base nos fundamentos românticos. Uma pseudo-ancestralidade da “raça gótica” germânica passa a ser cada vez mais reivindicada pelos

alemães, enquanto a “raça anglo-saxã” pelo Império Britânico. O século romântico foi marcado por fabulações ideológicas que tentavam construir identidades nacionais, com base nessas enganosas ideias racialistas, as quais ainda hoje influenciam supremacistas no mundo inteiro.

No entanto, um ramo autocrítico da historiografia dos estudos medievais se dedicou a elucidar essas falsas interpretações e vinculações. Patrick Geary, por exemplo, no seu famoso livro “O Mito das Nações: A Invenção do Nacionalismo” (2005), ajudou a desconstruir essa associação entre o nascimento das nações europeias e a Idade Média, denunciando a manipulação política nos documentos históricos. O autor demonstra a fragilidade reducionista que cerca o conceito de nacionalismo e apresenta o simplismo utilizado nas definições identitárias, estabelecidas por fatores pré-determinados.

O objetivo do medievalista estadunidense e professor emérito de História na Universidade da Califórnia é muito claro: destruir os mitos nacionalistas associados a uma dita Idade Média e contribuir para a prevenção do seu reaparecimento e/ou fortalecimento. Porque, segundo ele, “a interpretação do período que compreende o declínio do Império Romano e as Invasões Bárbaras se tornou sustentáculo do discurso político na maior parte da Europa” (ibidem, p. 17). Não foram apenas líderes políticos nacionalistas utilizaram a história como base do seu discurso, acadêmicos renomados – às vezes involuntariamente – “também se envolvem em usos polêmicos do passado” (ibidem, p. 18).

Poucos habituados a estar no centro da disputa política, os historiadores dedicados à Alta Idade Média se dão conta de que o período histórico que estudam é o pivô de uma disputa política pelo passado, e que suas afirmações estão sendo usadas como base para reivindicações para o presente e o futuro (ibidem, p. 19).

Patrick Geary alerta a todo momento sobre as fraudes e invenções. No caso franco, por exemplo, “identidades [jurídicas] eram forjadas, projetadas em um passado mítico e longínquo para que lhes fosse conferida uma legitimidade impregnada da aura do antigo” (ibidem, p. 179), enquanto, de fato, ocultavam as verdadeiras datas dos documentos. O autor conclui sua obra sem aliviar a culpa dos historiadores:

A história dos povos da Europa é parte do problema da etnicidade europeia. Nós, historiadores, somos sem dúvida culpados pela criação desses mitos duradouros, persistentes e perigosos. Construindo uma história linear e contínua dos povos europeus, validamos as tentativas de legitimação da



incorporação das antigas tradições dos povos pelos comandantes militares e líderes políticos. Reconhecendo como históricos os mitos criados pelos autores da Antiguidade e da Idade Média, propagamos e perpetuamos essa legitimação (ibidem, p.179).

Guy Hermet, no livro *História das Nações e do Nacionalismo na Europa* (1996), já afirmava a impossibilidade de qualquer sentimento nacional ou patriota nascer na Idade Média e, citando o sociólogo alemão de família judaica Norbert Elias, (1897-1990) afirma:

Embora o uso do termo nação, na sua acepção medieval, tenha sido frequente até o século XVII, não designou durante muito tempo senão a origem de um grupo estrangeiro amalgamado pela população em que se inseria. Tratava-se de comerciantes da nação alemã em Antuérpia, de estudantes da nação inglesa em Sorbonne, de nação mulçumana, europeia, bizantina, arménia ou judia até no Império Otomano, bem pouco ou nada de nação francesa em França e ainda menos de nação italiana em Itália.

A designação de si mesmo não veio completar a noção de simples alteridade senão mais tarde, quando as sociedades reunidas ou não sob a mesma coroa e mesmo sujeitas a uma autoridade estrangeira tomaram confusamente consciência do seu destino partilhado. No entanto, inclusive nesse caso, essa consciência pouco tinha a ver com a ideia moderna de nação e menos ainda com o nacionalismo. Inicialmente, as nações medievais designavam comunidades expatriadas. Depois, identificaram mais largamente, mas sobretudo intelectualmente, grupos humanos particulares no seio da Europa, cada vez mais frequentemente ligados a uma determinada coroa e possuindo uma certa capacidade – reduzida – de imaginar raízes comuns em relação a um passado mitificado. Só mais tarde ainda e por uma série de acidentes, os ressentimentos recíprocos ou a frustração dos povos começaram a alimentar verdadeiramente o engodo de um sentimento nacional. (HERMET, 1996, p. 52)

Em seguida, fazendo referência ao filósofo e antropólogo Ernest André Gellner (1925-1995), complementa:

Para Gellner, a história do mundo é, no essencial, a de sociedades agrárias em que se sobrepõem, sem qualquer contacto, elites compósitas e massas camponesas ignorantes e fraccionadas até o infinito. Para ele, o imenso contraste cultural entre esses dois estratos consolida nessas sociedades o domínio das elites sobre grupos bastando-se a si próprios e imóveis, incapazes de conceberem a solidariedade que lhes permitisse sacudir o jugo que sobre eles pesava. Nessas sociedades, é a distância social intransponível da desigualdade absoluta e não a busca de um consentimento alargado que constitui a base do poder. Além disso, Gellner deduz daí que esse sistema de domínio criava obstáculo a qualquer desenvolvimento de uma consciência comum no seio de um mesmo conjunto político. A observação é evidente a respeito da barreira cultural e estatutária irremediável, que impede o simples

povo de se identificar com os senhores, com os letrados ou com os membros do alto clero, e reciprocamente (ibidem, p. 54).

Em suma, para o autor, essas sociedades medievais, inclusive as escandinavas, “ignoram o nacionalismo” (ibidem, p. 55), não existe possibilidade de qualquer sentimento de pertença coletiva de estilo minimamente nacional. Por fim, citando Denis de Rougemont, afirma em tom jocoso: “o nacionalista é um homem que sofre do receio mórbido de perder um poder mágico que não existiu” (ibidem, p. 243).

Eric Hobsbawm (1917-2012) também já alertou: “a história é a matéria-prima para as ideologias nacionalistas ou étnicas ou fundamentalistas, tal como as papoulas são a matéria-prima para o vício da heroína” (HOBSBAWM, 1998, p. 17) e “se não há nenhum passado satisfatório, sempre é possível inventá-lo” (ibidem, p.17). Junto com Terence Ranger (1929-2015), no livro *A Invenção das Tradições* (2017), advertiram para os perigos das associações e invenções com/ do passado.

Por ‘tradição inventada’ entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas. Tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento por meio da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado. (HOBSBAWN & RANGE, 2017, p. 08)

Os marxistas britânicos insistem em repetir que as tradições inventadas podem não apenas se apropriar dos elementos históricos, como também “podem ser forçadas a inventar novos acessórios ou linguagens, ou ampliar o velho vocabulário simbólico” (ibidem, p. 14).

Entrementes, ainda antes desses autores, o historiador francês Raoul Girardet (1917-2013), em *Mitos e Mitologias Políticas* (1987), conseguiu descrever o processo inventivo da criação de uma verdadeira “constelação” de “mitologias políticas” (GIRARDET, 1987, p.12), recuando novamente até a Idade Média.

O mito político é fabulação, deformação ou interpretação objetivamente recusável do real. Mas, narrativa legendária, é verdade que ele exerce também uma função explicativa, fornecendo certo número de chaves para a compreensão do presente, constituindo uma criptografia através da qual pode parecer ordenar-se o caos desconcertante dos fatos e dos acontecimentos. É verdade ainda que esse papel de explicação se desdobra em um papel de mobilização: por tudo o que veicula de dinamismo profético, o mito ocupa

um lugar muito importante nas origens das cruzadas e também nas revoluções. De fato, é em cada um desses planos que se desenvolve toda mitologia política. (ibidem, p. 13)

Estruturas míticas são constantemente encontradas nos sistemas ideológicos mais politicamente diversos e, segundo Girardet, esses mitos políticos possuem dimensões simbólicas, objetivos claros e bem definidos, apesar de serem poliformos: “O mito é igualmente ambivalente” (ibidem, p. 15) passivo de sofrer inversões. O autor tenta trazer à luz os mecanismos da memória, responsáveis por fazer emergir coletivamente ideologias mais pautadas na imaginação social do que na veracidade histórica, apesar de nenhum mito político se desenvolver exclusivamente no plano da fábula, “em um universo de pura gratuidade, de transparente abstração, livre de todo contato com a presença das realidades da história” (ibidem, p. 51).

O que não pode deixar de surpreender é a amplitude do hiato existente entre a constatação desses fatos [históricos], tal como podem ser objetivamente estabelecidos, e a visão que deles é dada pela narrativa mitológica. Com efeito, não se trata, em relação à realidade, de um simples fenômeno de amplificação, de distorção sob efeito de um aumento polêmico. Trata-se de uma verdadeira mutação qualitativa: o contexto cronológico é abolido; a relatividade das situações e dos acontecimentos, esquecida; do substrato histórico não restam mais que alguns fragmentos de lembranças vividas, diluídas e transcendidas pelo sonho. (ibidem, p. 53)

Girardet destaca entre os elementos fundamentais de uma verdadeira narrativa mítica para a obra de unificação nacionalista, a construção da figuração legendária de soberanos, dos seus ministros e homens de Estado (ibidem, p.160). Assim a exaltação de guerreiros e heróis-chaves lendários constitui o mito da unidade nacional. O mesmo conclui afirmando que “é nos períodos críticos que esses mitos políticos afirmam-se com mais nitidez, impõem-se com mais intensidade, exercem com mais violência seu poder de atração” (ibidem, p. 180).

As incessantes disputas pelo poder continuam instrumentalizando, consciente ou inconscientemente, a memória de elementos medievais a seu favor. Recentemente, Amy S. Kaufman & Paul B. Sturtevant lançaram *The Devil's Historians: How Modern Extremists Abuse the Medieval Past* (2020), para examinar as diversas formas de como o passado medieval continua sendo manipulado para promover discriminação, opressão e assassinatos. Logo na introdução do livro os autores alertam:



Esse livro mostrará as muitas maneiras de como a história tem sido utilizada para oprimir outras pessoas, espalhar o ódio, o medo e até mesmo levar pessoas a guerra. E a assiduidade daqueles que usam a história para incitar a violência e a discriminação, deturpando o passado, ou às vezes mentindo abertamente sobre ele, a fim de influenciar a opinião pública. (KAUFMAN & STURTEVANTE, 2020, s.n.).

Existe uma longa e resistente tradição de associar a Idade Média as ideologias nacionalistas, com claros objetivos geopolíticos. A Idade Média por suas persistentes lacunas, por ser povoada de “Heróis e Maravilhas” (LE GOFF, 2011), por estar constantemente envolta em brumas místicas, fantasiosas e enigmáticas, permitiu que, ao longo dos séculos, ideologias políticas usassem e abusassem dessas fabulações a seu favor. No entanto, sem sombra de dúvidas, o exemplo mais importante e nefasto do uso propagandístico do passado medieval heroico e lendário remete à ascensão do nazismo na Alemanha, a partir da segunda década do século XX. O medievalista e germanista Álvaro Alfredo Bragança Júnior (2017, p. 333), ao analisar as reapropriações do medievo pela Alemanha nazista, critica:

A história, vivida e feita por homens, por muitas vezes lança mão de uma base fabular para consolidar determinado modelo ideológico. As evidências históricas aliam-se às crenças, tradições e costumes, que têm na literatura talvez seu repositório mais amplo. Nesse momento, é possível um mau uso, em geral proposital, dessas fontes na criação e instauração de sistemas de ordem totalizante e totalitária.

Nas palavras do autor, ao longo da segunda guerra, a figura do guerreiro medieval nórdico corajoso e de virilidade exacerbada, assim como tradições e costumes do passado viking tornaram-se “matéria de governo e fator de unidade e uniformidade nacional a serviço do líder” (ibidem, p. 340.)

É no apelo de uma ancestralidade viking que a máquina propagandística do Terceiro Reich (de)forma consideravelmente a história a favor de seus ideais. O homem do Norte é chamado para participar de uma missão histórica em defesa de sua pátria, como representação do guerreiro viking (ibidem, p. 343).

Os vikings foram “[des]apropriados” e “deformados” (ibidem, p.346) pela máquina propagandística de Joseph Goebbels e incorporados ao viés racista, antisemita e antibolchevista da filosofia nazista. A propaganda nazista também utilizou a imagem dos Vikings, para convencer os dinamarqueses e noruegueses a aderirem ao Reich, já que a partir de 1940, seus países foram invadidos pelas tropas alemãs. Os cartazes produzidos pelo na

época apelavam constantemente para imagem do guerreiro viking e/ou elementos claramente identificáveis de uma cultura escandinava medieval, como runas, escudos e os famosos navios de guerra – *langskip*. A própria sigla dos Esquadrões das SS era um arranjo de duas runas nórdicas – a *Siegel* – justapostas e apesar de pragmaticamente o nazismo estar associada ao cristianismo, paradoxalmente, essa ideologia se apropriou com muita facilidade de referências tradicionais do paganismo nórdico.

Desvirtua-se a História em prol de uma Pseudo-História. A propaganda e reapropriação política em voga na Alemanha nazista deixa-nos sempre o alerta para o perigo de anacronismos, que podem trazer à contemporaneidade modos de ver o mundo que desapropriam o passado e instauram um presente sem futuro algum. (ibidem, p. 346)

Os usos e abusos imagéticos dos antigos Vikings pela propaganda nazista, também foi abordado no livro de Aristotle A. Kallis, *A Propaganda Nazista e a Segunda Guerra Mundial*³ (2005). Neste livro o autor analisa as principais estratégias utilizadas pelo nazismo, desde as técnicas de convencimento e persuasão, até o uso de diferentes meios de comunicação para divulgar e enaltecer a ideologia nazista. Tudo isso passando pelas apropriações de imagens e símbolos do passado germânico e escandinavo.

A admiração nazista pelos nórdicos também possui sua origem no romantismo do século XIX, principalmente no movimento *völkisch*, responsável por enfatizar e valorizar, uma origem praticamente mítica da etnicidade germânica. Todas essas desconcertantes e bizarras associações produzidas pelo nazismo em relação aos antigos vikings já foram analisadas por diversos teóricos, Lena Nighswander, em artigo com o sugestivo título: *Nenhum Nazista no Valhala: Entendendo o uso (e o mal uso) dos símbolos da Cultura Nórdica na Alemanha do Terceiro Reich*⁴ (2020), afirma:

A estreita associação produzida ao longo da história entre a política nazista e a história dos vikings é particularmente preocupante, na medida em que distorce a história mais acurada [cientificista] dos vikings em algo construído apenas para impulsionar uma agenda política opressiva. Quanto mais próxima se tornam essas associações entre os nazistas e os vikings, mais legitimidade ganha esse grupo para usar dessas antigas imagens nórdicas

³ *Nazi Propaganda and the Second World War*.

⁴ *No Nazis in Valhalla: Understanding the Use (and Misuse) of Nordic Cultural Markers in Third Reich Era Germany*.

tradicionais. A partir desta correlação, grupos ideologicamente alinhados ao nazismo deixam os símbolos falarem por si e a narrativa que estão impondo a esses símbolos, construindo novos significados, não está alinhado com seus significados tradicionais. Isso representa uma grande perda para as comunidades, especialmente as do norte da Europa, que ainda estão profundamente ligadas às suas raízes nórdicas, pois seus símbolos e tradições culturais foram radicalizados de tal forma, que acabaram impondo uma imagem extremamente perigosa e negativa do povo nórdico – um que foi construído em seu nome e usado para ganho político⁵. (NIGHSWANDER, 2020, p. 02)

Sem excluir a culpa dos escandinavos, a relação entre Vikings e nazistas, também fora abordada pelo filósofo e estudioso das teorias das raças, Adam Hochman, no artigo: *Sobre vikings e Nazistas: Contribuições Norueguesas para a Ascensão e Queda da Ideia de uma Raça Ariana Superior*⁶ (2015). Nesta pesquisa, o autor reitera a ideia de que a crença em uma raça superior germânica não foi inventada pelo nazismo, mas embasada em uma perigosa teoria racialista, com falsa aparência científicista, criada no século XIX e que já ganhava popularidade no início do século XX, tanto na Alemanha, quanto na Inglaterra, na Escandinávia e outras partes do mundo. Conquanto esse conceito de uma suposta raça superior, despertou grande interesse nos historiadores e teóricos noruegueses, entre outros poetas, artistas e filólogos engajados nos movimentos românticos nacionalistas da época.

O autor cita o livro do historiador Jon Røyne Kyllingstad, *Medindo a Raça Superior: Antropologia Física na Noruega 1890-1945*⁷ (2014), sobre como os escandinavos – principalmente os noruegueses – também ajudaram a inventar o discurso pseudocientífico da chamada “raça superior”, ainda que essas concepções tenham começado a decair com a ascensão da proposta da “limpeza” ou “purificação racial” nazista. O livro se tornou uma referência fundamental para compreender toda concepção e relação entre a raça superior germânica, nórdica e ariana,

⁵ The close association between Nazi politics over the course of history and the history of the Vikings is particularly troubling, in that it distorts the more accurate history of the Vikings into something that is constructed only for the means of pushing an oppressive political agenda. The closer this association between the Nazis and the Vikings becomes, the more legitimacy these groups' use of traditional Old Norse imagery gains. Using this correlation, Nazi-aligned groups let the symbols speak for them and the narrative they are injecting into the symbols as their new, constructed meaning is not in alignment with their traditional meanings. This is a net-loss for communities, especially those in northern Europe, that are still deeply tied to their Norse roots, as their cultural symbols and traditions have been radicalized in a way that pushes an extremely dangerous and negative image of the Nordic people – one which has been constructed on their behalf, and used for political gain.

⁶ Of Vikings and Nazis: Norwegian contributions to the rise and the fall of the idea of a superior Aryan race.

⁷ Measuring the Master Race: Physical Anthropology in Norway 1890-1945.

ajudando – consequentemente – a compreender como as imagens dos vikings foram exploradas pelos ideais eugenistas.

O tema das apropriações e usos propagandísticos da cultura nórdica pelo primeiro e o novo nazismo já foi objeto de muitos trabalhos e rendeu muitas páginas. Inclusive, no Brasil, Pablo Gomes Miranda & Susan Tsugami, no artigo *Vikings, Supremacistas e Símbolos Nórdicos* (2021), afirma que a “relação entre Paganismo Nórdico Contemporâneo e grupos supremacistas tem sido uma temática demasiadamente discutida nos estudos acadêmicos” (MIRANDA & TSUGAMI, 2021, p. 04).

Diversos autores, como Stefanie Von Schnurbein, Jeffrey Kaplan, Mattias Gardell, dentre outros, trazem, em suas pesquisas, olhares que proporcionam uma compreensão panorâmica a respeito da complexidade que se manifesta na relação entre o Paganismo Nórdico Contemporâneo e as ideias supremacistas (MIRANDA & TSUGAMI, 2021, p. 04).

Ou seja, o interesse por este tema continua e os historiadores também afirmam que os discursos romantizados e imaginários a respeito dos povos nórdicos, fazem os supremacistas demonstrarem orgulho pelo patrimônio cultural e étnico destes povos, mas suas crenças podem estar mais relacionadas com um “misticismo racial” (MIRANDA & TSUGAMI, 2021, p. 05). De fato, assim como no nazismo, a fascinação dos neonazistas contemporâneos pelos vikings também recorre assiduamente para justificativa do falacioso mito da “raça pura”, esta mitificação baseada no estereótipo racial elitista do nórdico como ser de pureza superior.

No entanto, diversas pesquisas, inclusive, uma das mais famosas, publicada na revista *Nature*, intitulada *Genômica Populacional do Mundo Viking*⁸ (2020), já comprovaram que os escandinavos eram geneticamente diversificados, não havia nenhuma pureza racial entre os povos que habitavam o norte da Europa. Apesar da complexidade da pesquisa e das metodologias empregadas para sequenciar o genoma de quatrocentos e quarenta e dois esqueletos, a conclusão do estudo empreendido por mais de noventa pesquisadores é muito clara:

Finalmente, nossas descobertas mostram que os vikings não eram simplesmente uma continuação direta dos grupos escandinavos da Idade do Ferro. Em vez disso, observamos em um número crescente de fontes um fluxo

⁸ *Population Genomics of the Viking World*.

gênico do Sul e do Leste para a Escandinávia, começando na Idade do Ferro e continuando ao longo de toda a Era Viking. Muitos indivíduos da Era Viking – dentro e fora da Escandinávia – têm altos níveis de ancestralidade não escandinava, o que sugere um fluxo gênico contínuo pela Europa⁹. (MARGARYAN, Ashot; LAWSON, Daniel; SIKORA, Martin Sikora et alii, 2020, p. 395).

O artigo também investiga o contexto cultural comum dos escandinavos e as origens genéticas dos Vikings, ressaltando que “indivíduos da Era Viking da Suécia e Dinamarca mostram uma grande afinidade com fazendeiros neolíticos da Anatólia”¹⁰ (ibidem, p. 391). Mas termina reiterando que a era Viking foi marcada por uma crescente diversificação genética e a heterogeneidade dos povos nórdicos pode ser justificada por diversos fatores, inclusive, o intenso trânsito comercial com outros territórios.

A famosa escandinavista da Universidade de Alberta no Canadá, Natalie Van Deusen, preocupada com essas constantes e absurdas apropriações do passado nórdico, escreveu em artigo digital para *Canadian Historical Association* | *La Société historique du Canada*, intitulado *Porque Ensinar sobre a Era Viking é tão Relevante – e até Mesmo Crucial*¹¹ (2019):

Uma das razões mais urgentes para ensinar o passado Viking e nórdico medieval (e a Idade Média Europeia de maneira geral) é a cruel realidade de que grupos de supremacia branca e racistas/tribalistas neopagãos – assim como os nazistas um século antes deles – frequentemente utilizam imagens medievais e são motivados por sua crença em um passado medieval ‘branco’ e uma raça ancestral ‘pura’ que eles percebem como ameaçada em face da imigração e da diversidade religiosa e racial¹². (DEUSEN, 2020).

Em um texto posterior, a mesma pesquisadora também concorda que: “os registros históricos e evidências de DNA mostram que a era da pureza racial nórdica alardeada por

⁹ Finally, our findings show that Vikings were not simply a direct continuation of Scandinavian Iron Age groups. Instead, we observe gene flow from the south and east into Scandinavia, starting in the Iron Age and continuing throughout the duration of the Viking Age, from an increasing number of sources. Many Viking Age individuals – both within and outside Scandinavia – have high levels of non-Scandinavian ancestry, which suggests ongoing gene flow across Europe.

¹⁰ Viking Age individuals from Sweden and Denmark show a greater affinity to Neolithic farmers from Anatolia.

¹¹ Why Teaching About the Viking Age is Relevant – and Even Crucial.

¹² One of the most pressing reasons for teaching the Viking and medieval Norse past (and the European Middle Ages more generally speaking) is the grim reality that white supremacist and racist/tribalist neo-pagan groups--like the Nazis a century before them--frequently utilize medieval imagery and are motivated by their belief in a “white” medieval past and a “pure” ancestral race they perceive as under threat in the face of immigration and religious and racial diversity.

grupos de supremacia branca nunca existiu”¹³ (DEUSEN, 2020). Segundo ela, as ideologias promovidas por esses movimentos são completamente incongruentes com as evidências históricas. Não obstante, já foi dito que os neonazistas não se importam com critérios genuinamente histórico-científicos, apenas se dedicam a manipular e subverter os acontecimentos, na tentativa de reabilitar Hitler e o nacional-socialismo.

A Contestação dos Movimentos de Recriação Histórica e História Viva Viking no Brasil acerca das Aproximações com a Extrema-Direita e a Ideologia Nazista.

Em 2012, em uma das muitas festas medievais com temática viking que se proliferavam por São Paulo, dois personagens chamavam atenção. Eles não vestiam trajes históricos, ou fantasias medievais, eram ambos carecas, usavam camisas pretas de bandas com títulos indecifráveis, calças camufladas e coturnos militares. Comportavam-se com naturalidade e demonstravam muita empolgação, bebiam hidromel, participaram de algumas atividades e até arriscavam alguns passos de dança medieval no salão. De fato, poderiam passar despercebidos, mas no dorso da mão direita de um deles estava tatuada a “cruz de ferro”, um dos muitos símbolos apropriados pelo nazismo como condecoração exclusiva dos tempos de guerra. A tatuagem poderia ser fruto do desconhecimento, contudo, entre os dois círculos concêntricos que emolduravam o chamativo crucifixo nazista, lia-se ainda uma inscrição: “*White Power*”. Não havia como negar, eram dois neonazistas circulando tranquilamente pelo evento¹⁴.

Este episódio envolvendo a presença de neonazistas em um evento voltado para o recriacionismo histórico e a história viva viking, não foi o primeiro – provavelmente, não será o último – e pode ser significativo da atração desses grupos pelo tema. Seguindo esse aforismo, cabe pesquisar as opiniões e avaliações críticas dos praticantes acerca dessa relação historicamente tão degenerada. Porque, conforme já foi descrito, a recriação histórica e a história viva também são atividades educacionais. Diversos praticantes e grupos ressaltam o potencial pedagógico e as suas possíveis contribuições didáticas, pois não deixam de ser uma

¹³ *historical records and DNA evidence show that the age of Nordic racial purity touted by white-supremacist groups never existed.*

¹⁴ Notas etnográficas do “caderno de campo” do autor, durante uma participação observante em evento de Recriacionismo Histórico e História Viva Viking realizado no ano de 2012 em São Paulo.

nova forma de aproximação com a história, arqueologia e outras ciências, por meio de uma metodologia interativa de ensino-aprendizado. Sem jamais se opor ao conhecimento acadêmico tradicional – porque todo o embasamento para a sua produção nasceu dos resultados das pesquisas científicas –, essas práticas também conseguem criar novos vínculos com a museologia, porque a [re]criação ou a [re]produção exata dos objetos musealizados, permitem tocar, manusear, experimentar e testar, criando novas relações com as heranças históricas do passado trancafiadas e intocadas nos expositores dos museus, sempre muito distantes do público. Torna-se cada vez mais comum no Brasil, observar grupos de recriação histórica e de história viva visitando escolas, universidades e até museus para ensinar e demonstrar na prática algumas técnicas e ofícios medievais.

A crescente aproximação dessas práticas com o conhecimento formalmente produzido nas universidades tende a prosperar e engendrar resultados cada vez melhores. As pesquisas científicas e as metodologias propostas pelo recriacionismo histórico e a história viva constantemente se retroalimentam, ambas ajudam a popularizar novas [re]interpretações da Idade Média e aumentam o interesse pela história, colaborando na divulgação e valorização do patrimônio cultural desse período.

Destarte, se a recriação histórica e a história viva também são caracterizados como formas ou metodologias de transmissão do conhecimento, com grande potencial educacional, tornar-se fundamental, compreender como e por quem esse conhecimento está sendo transmitido.

O surgimento e o desenvolvimento dos movimentos de recriação histórica e história viva viking no país, assim como a descrição e identificação dos principais grupos, já foram analisadas anteriormente – sobre o assunto ler: *Vikings Invadem o Brasil no Século XXI: O Neomedievalismo dos Movimentos de Recriação Histórica Nórdica nos Trópicos* (PORTO JUNIOR, 2021) –. Essas práticas socioculturais e didático-pedagógicas começaram praticamente no mesmo período, mas de maneiras distintas, em dois Estados diferentes: São Paulo e Rio de Janeiro. Em São Paulo, o precursor foi um grupo de jovens, que inicialmente se reuniam em um fórum de discussão nas redes sociais chamado *Spirit Folk* – dedicado principalmente aos debates sobre *Folk Metal* e *Viking Metal* –, em 2008 fundaram o *Hednir Clan*. O grupo paulista participava e organizava diversos eventos temáticos, ganharam destaque com suas lutas

ressonantes e notoriedade por terem sido, inicialmente, o maior grupo de recriacionismo histórico viking no Brasil. Em entrevistas fornecidas nos dias 14 e 15 de abril de 2021, os dois fundadores do grupo: o designer Marcos Palante de 34 anos e o artista plástico e ferreiro Vinícius Ferreira Arruda de 32 anos, falaram um pouco sobre essas associações polêmicas. Primeiramente, Marcos Palante afirma:

Esse tema [viking] acaba sempre atraindo neonazistas. Porque quando uma pessoa começa a se apegar a esse tipo de ideologia [nazista] ela vai buscar relações com parte da cultura europeia. Então, como as pessoas têm uma ideia muito vaga da história, o primeiro lugar para onde o pensamento do cara vai é para esse tipo de associação. Aí só com o tempo e com muito estudo que é possível tirar isso e desfazer essas associações ideológicas. No final as pessoas conseguem aprender que essa ideologia não leva a lugar nenhum. Acho que a função de quem tem grupo e trabalha com essa cultura viking é exatamente tirar esse pensamento e desfazer essas associações.

Porque é um problema hoje em dia, por exemplo, se você possui uma tatuagem de uma runa, não importa quando fez essa tatuagem, isso pode ser um problema para você, exatamente por causa desse mau uso do passado e dessas associações.

Marcos Palante elenca a possibilidade de recriadores e praticantes de história viva viking serem confundidos com neonazistas por também utilizarem tatuagens ou joalheria com símbolos nórdicos e termina criticando que “qualquer coisa que enaltece muito o orgulho nacionalista é complicado”. Vinícius Ferreira Arruda que há muito tempo acompanha o movimento de recriacionismo histórico e história viva viking no Brasil e ainda participa intensamente dos eventos, principalmente por forjar réplicas históricas de facas, espadas e outros objetos de metal, possui uma visão muito assertiva sobre a questão.

No Brasil eu não vejo associação entre a recriação histórica e a história viva viking com movimentos nacionalistas de extrema-direita ou supremacistas. De vez em quando você até vê uma galera tentando usar um pouco disso para validar o discurso de ódio que eles já têm. Mas tirando isso – porque são casos isolados – é muito difícil disso acontecer aqui no Brasil. Porque, por aqui, a cena inteira do recriacionismo histórico e da história viva viking é muito progressista! E existe uma pressão da cena para ser progressista e eu acho isso muito legal! A cena também é bastante coesa e possui argumentações muito próprias e bem embasadas para essas questões. De vez em quando, aparece um episódio isolado, mas a própria cena se incube de chutar essas pessoas para escanteio e sem voz elas acabam saindo fora, quando percebem que estão falando para pessoas que não pensam da mesma forma. Agora, lá fora, acontece bastante [...] nós vemos vários problemas que existem lá fora, mas aqui a gente não vê isso.

No entanto, apesar de não perceber associações, Vinícius Ferreira Arruda demonstra preocupação com a possibilidade disso ainda ocorrer no Brasil, “sim, é perigoso e temos que evitar” afirmou. O ferreiro também ressaltou a importância e a urgência dos grupos se posicionarem criticamente em relação a isso.

Deixando São Paulo, um pouco antes da criação do *Hednir Clan*, os irmãos Bruno Oliveira e Pedro Oliveira criavam no interior do estado do Rio de Janeiro o *Antigas Serpentes*. Este grupo compartilha com os paulistas, o pioneirismo na recriação histórica Viking no Brasil. Em entrevista realizada no dia 15 de abril de 2021, Bruno Oliveira falou um pouco sobre essas questões no caso carioca.

No começo, no Rio, a cena não tinha nenhum filtro, então entrava qualquer tipo de pessoa cheia de besteira na cabeça. Então, no Rio de Janeiro, essa cena medieval e viking tinha uma galera “neonazi”, alguns individúozinhos recém adultos que empolgados com essa coisa toda, achavam que viking é germânico e germânico é “nazi” e acabavam entrando nessa loucura. Inclusive, isso foi um dos fatores que me afastou por um tempo da discussão e dos eventos aqui no Rio. Mas com o tempo isso foi filtrando, os grupos começaram a impedir essas pessoas de entrarem, elas não se criavam e não se criam mais dentro da cena da recriação histórica, principalmente carioca, mas no Brasil inteiro dá para ver que também é assim. Isso tem melhorado muito, porque qualquer pessoa que tente ir por essa linha ideológica, não entra, não se cria realmente! Os grupos estão cada vez mais espertos e atentos a isso.

O artesão Bruno Oliveira também possui uma loja *Skaldland Artesanato*, totalmente dedicada a produção de réplicas de objetos históricos da era viking, por isso acabou se tornando muito influente dentro da cena carioca. Ele se coloca como orgulhoso defensor do seu posicionamento político de esquerda e crítico severo de qualquer tipo de conduta supremacista.

No ano de 2011, em São Paulo foi fundada a *Ordo Draconis Belli*, um grupo originalmente formado a partir de alguns dissidentes do *Hednir Clan*. Em entrevista fornecida no dia 10 de maio de 2021, Vitor Bolonhesi Gracia, de 30 anos também falou sobre possíveis associações entre recriacionismo histórico e história viva com movimentos neonazistas no Brasil:

Eu vou falar pela maioria dos grupos, mas não posso falar por todos. A maioria dos grupos que eu conheço e das pessoas com quem eu tive contato, com as quais interagi e participei de eventos, não eram e não faziam nenhuma associação! Muito pelo contrário! Todos estavam interessados em fazer o recriacionismo histórico. Agora, existem pessoas que infelizmente não são



iluminadas, que frequentam os eventos e têm essas ideias equivocadas na cabeça [...]. Por exemplo, em um evento eu vi um cara com uma fivela gigante com a cruz de ferro na cintura e ele era careca, com algumas tatuagens esquisitas, então perguntei para um amigo que estava do meu lado e ele logo alertou: 'É *White Power* Vitor, nem mexe com esse cara!' Então, tem gente desse tipo que frequenta os eventos? Sim, tem! Sempre tem esse cara que vai e as vezes cria mais barulho que todo o restante do evento. Muitos também pegam, por exemplo, essa coisa dos vikings e associam ao arianismo e fazem uma colcha de retalhos e quando você vai ver, a pessoa já tinha uma determinada opinião totalmente enviesada e nada virtuosa sobre o assunto. Enfim, a gente como recriacionista tenta buscar credibilidade e por causa de um ou dois idiotas como este, o trabalho de centenas de pessoas e grupos acaba indo por água abaixo. Mas sobre os eventos, os grupos e as instituições que participam, a maior parte dos que eu conheço, desde os organizadores até as pessoas que estão envolvidas e fazem aquilo porque querem e gostam, todos tentam criar um ambiente totalmente plural, desde origem social, étnica, religiosa, um ambiente aberto ao debate, a conversa, com muita tolerância e respeito acima de tudo.

Em 2013 foi fundado no Rio de Janeiro um dos maiores grupos de recriação histórica e história viva da era viking, o *Haglaz*, que atualmente conta com doze membros. Em entrevista fornecida no dia 13 de abril de 2021, uma das fundadoras do grupo, a comandante de embarcações Fabiane Fontes Souza também criticou qualquer forma de associação com movimentos supremacistas.

Não! Não tem absolutamente nada a ver! Nenhum grupo de recriação histórica ou história viva por aqui possui essa relação. Mas os nacionalistas e supremacistas, costumam associar a cultura viking com o purismo étnico, então acabam utilizando e se apropriando disso para tentar valorizar o que eles acreditam. Mas as atividades de recriação histórica ou história viva não tem nada a ver com nacionalismo ou supremacismo.

As entrevistas deixavam cada vez mais clara, toda a repulsa dos praticantes e dos grupos em relação a ideologia nazista, alguns afirmavam enfaticamente ser "impossível" ou "inconcebível" qualquer associação entre recriação histórica e história viva da era viking com a extrema-direita e movimentos supremacistas.

Saindo o eixo Rio e São Paulo, surgiu em Curitiba no ano de 2017, um grupo recriação histórica e história viva viking, associado a uma produtora com nome *Medieval Market* voltada para promoção de eventos educativos e culturais de temática medieval. O grupo realiza muitos encontros *online* e presenciais com leitura, contação de histórias, cursos e oficinas de técnicas artesanais históricas, recriacionismo e história viva, além de viagens, acampamentos

temáticos, feiras, festivais e muitas outras vivências associadas a cultura viking ou a Idade Média de forma geral. Atualmente formado pelo professor de filosofia André Luiz Barreto e pela professora de literatura e língua francesa Luana Alves de Azevedo, o grupo sempre prioriza questões educacionais e vem angariando destaque no meio. Em entrevista fornecida em 13 de abril de 2022. A fundadora do grupo falou sobre a participação de neonazistas em eventos na região sul do país.

Quando diz respeito a cena medieval é inevitável se deparar com pessoas que se conectam com ideologias neonazistas. Isso devido a todo contexto histórico da estruturação de um ideal nacionalista do XIX e fomentado, infelizmente, até os dias de hoje.

O grande problema é que essas pessoas não se mostram com facilidade. Elas participam desses espaços culturais e se manifestam em algum momento através de algum símbolo nazista, algum conflito com outros participantes do evento ou até mesmo na venda de seus produtos. Uma suástica entalhada num cinto, um sol negro em um pingente, uma runa *othala* desenhada na embalagem... Símbolos que carregam a desculpa da ancestralidade europeia e expressões religiosas, portanto, criados na pós-modernidade, no neopaganismo e inaceitáveis no século XXI depois de tanta barbárie.

Já aconteceu do Medieval Market perceber essas manifestações na vida de músicos, artesãos e recriadores e precisar se posicionar contra suas condutas e bani-los dos eventos. Todas as vezes eles se mostraram fora do ambiente do festival. Seja num posicionamento político conversando com alguém da produção ou se expressando em redes sociais. Estamos sempre nos posicionando publicamente sobre a importância de apresentar uma Idade Média plural, tal como realmente foi e as pessoas adeptas dessas ideologias se aborrecem e se manifestam rapidamente contra isso.

O filósofo André Luiz Barreto também destaca a sua experiência com grupos de explícitas referências neonazistas:

Uma experiência que tive com pessoas de ideais supremacistas foi em um grupo de combate viking que participei em 2019. Conheci um dos organizadores do grupo em uma feira medieval e comecei a frequentar os treinos. Ao longo do ano houve um episódio estranho de violência entre dois membros do grupo e o clima começou a ficar tenso. Algum tempo depois dessa hostilidade, também fomos percebendo outras histórias violentas por parte de integrantes da organização, até o dia em que produziram a bandeira do grupo: continha um sol negro e uma runa *othala* de pés pra cima – símbolos claramente nazistas -. Eu e um colega historiador confrontamos a situação, apesar do medo de sermos hostilizados, ao que nos disseram que “não era nada disso, que precisávamos nos reapropriar dos símbolos usurpados pelo nazismo para restaurar a antiga fé pagã”, com a qual vários membros do grupo se identificavam. Após esse episódio, eu e meu colega nos retiramos do grupo que colapsou pouco tempo depois.



Sobre possíveis associações entre o recriacionismo histórico e a história viva viking com o neonazismo, a opinião dos curitibanos difere um pouco dos cariocas e paulistas, novamente Luana Alves de Azevedo destaca:

Quando eu tinha grupo de recriação da Era Viking, com frequência recebia mensagens de ódio direcionadas aos integrantes negros e homoafetivos. Meu irmão mesmo, que participava do meu grupo, já foi hostilizado na Internet por acharem que ele "tinha traços Árabes e pele escura demais para recriar o período."

O que posso afirmar é que esses grupos, não necessariamente praticam história viva ou são recriadores. Eles misturam informações cruzadas e equivocadas do que foi a Idade Média, religiões contemporâneas neopagãs e discursos completamente mergulhados no racismo estrutural e nos ideais nacionalistas.

Cabe aos educadores, mediadores, artistas e produtores culturais criarem espaços de diálogo e espaços plurais para que seja possível pensar esse passado e compreender nosso presente. A Arte sempre foi uma ferramenta de mediar mensagens. Qual mensagem estamos escolhendo passar adiante com a recriação histórica? Esta é a grande questão. Na minha opinião, o que não podemos fazer enquanto produtores é ficarmos neutros.

André Luiz Barreto complementa:

O Medieval Market sempre se posicionou contra esses grupos supremacistas e extremistas. Nós repudiamos as ideias defendidas por eles e não permitimos que participem de nossas atividades. A apropriação dos elementos da Era Viking e sua ressignificação nos séculos XIX e primeira metade do XX a favor de ideais nacionalistas, de extrema-direita e supremacistas acaba por atrair pessoas com afinidades por essas mesmas ideias. Como a Era Viking é um dos períodos mais difundidos da Idade Média no Brasil, ao nos aproximarmos dessa cultura é possível nos depararmos com esses tipos de pessoas também. Estamos sempre alertas no que diz respeito a identificação desses elementos naqueles que se propõem a trabalhar conosco, pois apesar de não saírem por aí anunciando quem são, fazem questão de levar consigo seus símbolos e trazem, em seus discursos, maquiagens para defender o indefensável. Tais manifestações não são toleradas e não integram o trabalho do *Medieval Market* em nenhum aspecto. [...] Mediar a Era Viking também é esclarecer o que foi esse período como forma de combater a reemergência desses ideais no século XXI através do neonazismo. Por outro lado, é reconhecer que essa ressignificação da Era Viking pelo nazismo ainda ressoa em nossos tempos e que, se nos aproximarmos dessa cultura e desse recorte histórico, encontraremos em sua sombra ainda pessoas aparelhadas com essas ideologias.

Luana Alves de Azevedo ainda relata que muitas pessoas se afastaram da cena medieval e do recriacionismo viking na região, porque tinham medo e se sentiam ameaçadas em ambientes também frequentados por neonazistas.

Por fim, em dezesseis de novembro de 2019, o movimento de recriação histórica e história viva viking no Brasil foi surpreendido pela criação de uma Vila Viking localizada no interior do município de Juquitiba, em São Paulo. A ideia de construir uma vila Viking no país, foi do ex-integrante do *Filhos de Rígr* e atualmente membro do *Hednir Clan*, Paulo Cesar Frade Revuelta, considerado *Jarl* – termo ou título utilizado na línguas nórdica para designar um nobre ou conde na hierarquia social Viking – com a participação de dois sócios e a colaboração de outros recriacionistas. A vila idealizada para funcionar como um Museu Vivo, ou um espaço cultural dedicado a recriação histórica e a história viva, oferecendo palestras, cursos e oficinas, rapidamente se tornou o principal local de encontro dos grupos brasileiros.

Em entrevista realizada no dia vinte cinco de abril de 2021, o idealizador do projeto também condenou qualquer tipo de associação com movimentos neonazistas:

Normalmente quem faz esse tipo de associação é covarde e nem mostra a cara. Todas as pessoas que visitaram a vila até hoje, perceberam que lá não existe isso! É totalmente oposto, lá temos um respeito enorme pela diversidade: cor, crença e etc. Muito mais do que eu poderia querer ou exigir. Então eu acredito que não exista nenhuma relação, pelo menos até hoje, nos grupos que vejo – afinal eu falo apenas do que eu vejo e do que eu sei – nunca constatei nada, ninguém nunca comentou nada sobre isso! Claro que nas redes sociais, vem aquele pessoal neonazista que quer se aproximar, mas essas pessoas são muito fáceis de identificar e eu nunca aceito. No site da vila já apareceram duas perguntas que deram a entender que a pessoa tinha uma tendência a ser “nazi”. Uma eu não respondi, a outra eu acabei respondendo porque eu quis explicar, mas a pessoa nunca mais me procurou. Às vezes também é interessante rebater com conhecimento essas coisas, porque nós precisamos estar o máximo blindado possível para esse tipo de ideologia. E quanto mais conhecimento passarmos para as pessoas que estão conosco e demonstrarmos que estamos unidos contra isso (neonazismo), mais facilmente conseguiremos repelir esse tipo de gente.

Paulo Cesar Frade Revuelta, como idealizador do projeto, reitera constantemente que a Vila Viking Brasil deve funcionar como um “Museu Vivo”, um espaço cultural dedicado a recriação histórica e a história viva, oferecendo palestras, cursos e oficinas sobre práticas de lutas, culinária medieval, tecelagem entre muitas outras. Tudo isso imerso em um ambiente que tenta reconstruir às antigas vilas escandinavas. A Vila Viking Brasil também busca

apresentar ao público visitante, algumas pesquisas históricas e arqueológicas mais recentes sobre os antigos escandinavos, para tentar desmistificar algumas impressões equivocadas transmitidas e reiteradas pelos meios de comunicação de massa, produzindo novas interpretações menos estereotipadas. Todas essas atribuições de “Centro Cultural” e “Museu Vivo”, também reiteram a importância de conhecer a opinião e a crítica dos envolvidos no projeto sobre os movimentos neonazistas brasileiros.

Considerações Finais e uma Conscientização Necessária.

Muitos fatores concorreram e seguem contribuindo para o rápido desenvolvimento dos grupos de recriacionismo histórico e história viva viking no Brasil, contudo, impossível negar a evidente influência midiática. Filmes, séries televisivas e jogos eletrônicos com temáticas nórdicas se proliferam a cada dia e as inter-relações transmidiáticas são cada vez mais íntimas e maiores, ajudando a amplificar o fascínio exercido por essa temática no país. A produção, circulação e consumo de imagens associadas aos vikings segue crescendo e finalmente começam a atrair a atenção dos pesquisadores acadêmicos.

Os Vikings acabaram ganhando uma ampla representação e para analisar esse protagonismo, o historiador Leandro Vilar Oliveira, se apropria do conceito de “Vikingmania” ou “Viking-mania”, para “se referir a ideia de um entusiasmo pela temática viking” (OLIVEIRA, 2021, p. 471). Segundo ele essa Vikingmania continua se ampliando, no entanto:

Fornecendo concepções estereotipadas que ajudaram a construir o senso comum que atualmente temos sobre os vikings, em respeito a seu visual, cultura, sociedade, história, costumes e crenças, desenvolvidos para intuídos estéticos, políticos, sociais e mercadológicos. Dessa forma a Vikingmania pode ser considerada um tipo de cultura visual, midiática e identitária. (OLIVEIRA, 2021, p. 472).

O autor concorda que nos séculos XX e XXI, a Vikingmania alcançou outros territórios, para além da Europa, através do cinema e outras mídias (OLIVEIRA, 2021, p. 497). Para ele, as primeiras décadas do século XXI foram marcadas pela:

Massificação da Vikingmania com a expansão de produtos e produções, a criação de eventos e festivais vikings, e o estabelecimento do que chamamos de “tribo do viking urbano” e do “estilo de vida viking”, que consiste no indivíduo influenciado por filmes e seriados, em que a pessoa adota visual,

gostos e até mesmo costumes e crenças advindos dessas representações. (OLIVEIRA, 2021, p. 497).

Não existe problema algum em ser seduzido por esse modismo midiático, assim como também não é crime estudar, pesquisar e tentar “recriar” um período histórico pretérito, mesmo sendo temporal e geograficamente tão afastado. No entanto, se por um lado, a influência midiática dos vikings é muito grande, também é cada vez mais abrangente a atuação dos movimentos neonazistas no país e, fastidiosamente, a cultura viking está historicamente amalgamada ao nazismo. Ou seja, precisa ser dito: recriacionistas históricos, praticantes de história viva e neonazistas compartilham a mesma paixão pela Escandinávia medieval, por isso todo cuidado com o tema ainda é pouco.

Os supremacistas misturam propositadamente, o mitológico e o histórico, novamente, segundo Adriana Abreu Magalhães Dias: “Thor, Siegfried, Hitler e cada ‘guerreiro ariano’ se relacionam dentro do universo simbólico do neonazismo, assim como o martelo, a espada, a suástica e o ‘sangue alemão’” (DIAS, 2007, p. 203). O movimento supremacista brasileiro coloca o ditador genocida, lado a lado com os heróis e as divindades nórdicas. Isso não é à toa, porque apesar de Girardet já ter alertado para falácia de todas essas construções míticas, ainda assim, o neonazismo nacional, também percebeu que evocar o nome de divindades como Odin, ou de figuras lendárias como Ragnar Lodbrok, ajudam a atrair e conquistar aqueles incapazes de distinguir entre o mundo real-histórico e um mundo mítico-imaginário. Assim como fizera Joseph Goebbels no século passado, o neonazismo contemporâneo continua apelando para imagem dos vikings no recrutamento de novos incautos.

Conforme dito e repetido exaustivamente ao longo desse artigo, mesmo sendo totalmente equivocadas, as associações existem. Por isso, grupos de recriação histórica e história viva dedicados a cultura viking possuem uma grande responsabilidade, principalmente considerando o potencial educacional dessas práticas como métodos didáticos para a difusão e aprendizagem da História, da cultura e da memória. Primeiramente, os grupos precisam possuir plena consciência dos usos e abusos desse passado medieval escandinavo empreendido pela ideologia nazista, as diversas formas de apropriação das runas ou dos símbolos e como tudo isso ainda serve aos ideais supremacistas. Ademais, também devem construir argumentações científicas – suficientemente – consistentes para desmistificar

essas relações e transmitir análises menos estereotipadas dos vikings. Ou seja, as pesquisas empreendidas pelos recriacionistas históricos e praticantes de história viva, não podem se limitar a registros arqueológicos da cultura material da era viking, tampouco a historiografia dedicada a esse período histórico ou a leitura das Eddas e Sagas. Contudo, necessitam aprofundar as análises críticas dos usos políticos e ideológicos desse passado.

Apesar dessa pesquisa – ainda em desenvolvimento – não ter abarcado e entrevistado todos os grupos e/ou praticantes de recriação histórica e história viva viking no país, o resultado parcial com alguns dos principais e pioneiros mostra-se, ao menos, otimista e auspiciosa. Todos foram irrevogavelmente contra qualquer associação ou aproximação com movimentos neonazistas e a repulsa dos entrevistados sobre o assunto era sempre evidente. No entanto, a participação observante empreendida em alguns eventos com temáticas medieval ou vikings e algumas entrevistas, comprovaram que supremacistas continuam frequentando esse meio, mesmo não sendo bem-vindos. Sem nenhuma intenção de culpabilizar os organizadores de tais eventos, cabe apenas ressaltar que a simples presença deles contribui para reiterar essas terríveis associações e produzir mais confusão e outros questionamentos acerca da natureza ideológica das práticas de recriacionismo histórico e história viva viking no Brasil.

Seria inaceitável dar um ponto final neste artigo, sem lembrar que de acordo com a Lei 7.716 de 5 de janeiro de 1989, que “Define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor”, está bem claro, no parágrafo primeiro do artigo 20: “Fabricar, comercializar, distribuir ou veicular símbolos, emblemas, ornamentos, distintivos ou propaganda que utilizem a cruz suástica ou gamada, para fins de divulgação do nazismo”. (Redação dada pela Lei nº 9.459, de 15/05/97). Ou seja, o nazismo no Brasil, além de fruto da crise educacional e de uma “obscuridade epistemológica” (TAUSSIG, 1987, p. 132), também é um crime com pena de reclusão de dois a cinco anos e multa. Não somente o nazismo, mas qualquer forma de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional e não apenas os praticantes de recriacionismo histórico e história viva viking deveriam saber disso, mas toda população desse país miscigenado.

Referências Bibliográficas

- AGNEW, Vanessa; LAMB, Jonathan; SPOTH, Daniel (org). *Settler and Creole Reenactment*. New York: Palgrave Macmillan, 2009.
- ALTSCHUL, Nadia R. & GRZYBOWSKI, Lukas Gabriel. Em Busca dos Dragões: A Idade Média no Brasil. *Antíteses – Dossiê "Medievalismo(s), neomedievalismo e recepção da Idade Média em períodos pós-medievais"*, Londrina: UEL, v. 13, n. 25, p. 024-035, 2020.
- ANDRADE, Guilherme Ignácio de. O Nacional-Socialismo do Grupo Valhalla 88: A Construção de um Movimento Nazista no Brasil. *Mediações: Revista de Ciências Sociais – Dossiê – Pensamentos de Direta e Chauvinismo na América Latina*, Londrina, v. 19, n. 1, p. 18-40, 2014.
- BRAGANÇA JÚNIOR, Álvaro Alfredo & ZIERER, Adriana. *Cavalaria e Nobreza: Entre a História e a Literatura*. Maringá: Eduem, 2017.
- BRASIL. Lei 7.716 de 5 de janeiro de 1989. Define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor. Brasília, DF. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/17716.htm
- DEUSEN, Natalie Van Deusen. Why Teaching About the Viking Age is Relevant -- and Even Crucial. *Canadian Historical Association | La Société historique du Canada*, Ottawa, 25 novembro de 2019 Disponível em: <<https://cha-shc.ca/teaching/teachers-blog/why-teaching-about-the-viking-age-is-relevant-and-even-crucial-2019-11-2>>. Acessado em: 15 agosto 2020.
- DIAS, Adriana Abreu Magalhães. *Anacronautas do Teutonismo Virtual: Uma Etnografia do Neonazismo na Internet*. Orientador: Maria Suely Kofes. 329 f. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.
- GEARY, Patrick. *O Mito das Nações: A Invenção do Nacionalismo*. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2005.
- GIRARDET, Raoul. *Mitos e Mitologias Políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- GRUPOS NEONAZISTAS CRESCEM 270% NO BRASIL EM 3 ANOS: Estudiosos temem que presença online transborde para ataques violentos. G1-Globo, 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2022/01/16/grupos-neonazistas-crescem>

- 270percent-no-brasil-em-3-anos-estudiosos-temem-que-presenca-online-transborde-para-ataques-violentos.ghtml>. Acesso em: 2 de jun. de 2018.
- HERMET, Guy. *História das Nações e do Nacionalismo na Europa*. Lisboa: Editorial Estampa, 1996.
- HOBBSAWN, Eric. *Nações e Nacionalismo desde 1780*. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1990.
- HOBBSAWN, Eric & RANGER Terence. *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.
- KALLIS, Aristotle A. *Nazi Propaganda and the Second World War*. New York: Palgrave Macmillan, 2005.
- KAUFMAN, Amy S. & STURTEVANTE, Paul B. *The Devil's Historians: How Modern Extremists Abuse the Medieval Past*. Toronto: University of Toronto Press, 2020.
- LE GOFF, Jacques. *Heróis e Maravilhas da Idade Média*. Petrópolis: Vozes, 2011.
- MACCALMAN, Iain & PICKERING, Paul A. *Historical Reenactment: From Realism to the Affective Turn*. Hampshire: Palgrave Macmillan; 2010.
- KYLLINGSTAD, Jon Røyne Kyllingstad. *Measuring the Master Race: Physical Anthropology in Norway 1890-1945*. Cambridge: Open Book Publishers, 2014.
- MARGARYAN, Ashot; LAWSON, Daniel; SIKORA, Martin Sikora et alii. Population Genomics of the Viking World. *Nature*, vol. 585, p. 390-412, 2020.
- MILMAN, Luis. "Negacionismo: Gênese e desenvolvimento do extermínio conceitual". In: VIZENTINI, Paulo Fagundes; MILMAN, Luis (Orgs). *Neonazismo, Negacionismo e Extremismo Político*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRG: CORAG, 2000.
- MIRANDA, Pablo Gomes de & TSUGAMI, Susan. Vikings, Supremacistas e Símbolos Nórdicos. *Blog do Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos*, 24 de janeiro de 2021.
- NIGHSWANDER, Lena. No Nazis in Valhalla: Understanding the Use (and Misuse) of Nordic Cultural Markers in Third Reich Era Germany. *International ResearchScape Journal*. v. 7, Article 6, 2020.
- PORTO JUNIOR. João Batista da Silva Porto. Vikings Invadem o Brasil no Século XXI: O Neomedievalismo dos Movimentos de Recriação Histórica Nórdica nos Trópicos. *Signum - Revista da ABREM*. v. 22, n. 1, p. 226-251, 2021.
- SCHNEIDER, Rebecca. *Performing Remains: Art and War in Times of Theatrical Reenactment*. New York: Routledge Taylor & Francis Group, 2011.

TAUSSIG, M. *Xamanismo, Colonialismo e Homem Selvagem*. São Paulo, Paz e terra, 1987.

WACQUANT, LOÏC. *Corpo e Alma*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.